

# **HISTÓRIA DA SERICICULTURA EM PORTUGAL. DESDE O INÍCIO DO SÉCULO XIX ATÉ AO INÍCIO DO SÉCULO XXI**

**Jorge Azevedo<sup>1</sup>, Maria Alexandra Mascarenhas<sup>2</sup> e Ana Mascarenhas<sup>3</sup>**

<sup>1</sup>CECAV, UTAD, jazevedo@utad.pt; <sup>2</sup>GForm,UTAD; <sup>3</sup>Direcção Regional de Cultura do Norte

## **RESUMO**

No século XIX continuou o apoio à sericicultura e à indústria da seda, em Portugal, atingindo o seu auge no período 1861-1865, como consequência do défice de matéria-prima em Espanha, França e Itália, entretanto atingidos por epidemias, que só foram debeladas com a atuação de Louis Pasteur. Beneficiaram do isolamento geográfico as principais zonas sericícolas - Trás-os-Montes e Beira Alta, então percorridas por comerciantes estrangeiros para adquirir grandes quantidades de casulos. Esta procura rapidamente diminuiu fruto dos acréscimos dos custos de recolha dos casulos e porque foi encontrada solução para as doenças nos restantes países da Europa, que não em Portugal, aonde as mesmas se instalaram com vigor em 1867, para em 1870 e 1871 se terem expandido em todo o distrito de Bragança (Cordeiro, 1996). Quando a procura aumentou, acompanhada de um aumento dos preços, não se verificou uma modernização da produção nem da indústria, que mantiveram o atraso secular associado a estas atividades. A modernização teria de passar pela industrialização da fição e torcedura, o que levou sucessivos governos a publicar “planos de regeneração da sericicultura portuguesa” (Cordeiro, 1996). O problema identificado foi sempre o mesmo – falta de produção de grandes quantidades de folhas de amoreira para que se pudesse aumentar a criação de bichos-da-seda. As condições de produção de amoreiras e a criação de bichos-da-seda sendo consideradas como muito favoráveis em Portugal, não foram, no entanto, suficientes para ultrapassar os constrangimentos de várias naturezas, dos quais se destacam os estruturais, políticos, socioeconómicos e de mercado, que originava seda de má qualidade, rapidamente abandonada pelos industriais do sector. Os atuais e os futuros sericultores, bem como os industriais do sector têxtil podem ser apoiados no atual Quadro Comunitário (2014-2020), não só para aumentar a produção de casulos de modo técnica e economicamente viável, mas também para produzir fio e tecidos de seda de elevada qualidade. Foram estas ordens de razões que nos motivaram a escrever estes tres artigos, dos quais este é o ultimo. Os bichos-da-seda podem ser utilizados não só para a produção de seda, mas as lagartas e pupas, também para a alimentação animal e

até para a alimentação humana.

### **Palavras-chave**

Bicho-da-seda, seda, sericicultura, sirgo, Portugal

### **1 – Resumo Histórico em Portugal**

**1799-1800.** Algumas doenças começam a dizimar os bichos-da-seda, sendo importadas sementes dos bichos de Piemonte (Sousa, 2006).

**1801.** Alvará determinando que as manufaturas nacionais consumidas no Reino, até então isentas de impostos, fossem oneradas com um imposto de 3% (7 de maio) (CMMC, 1997). José António de Sá inicia, em Celorico da Beira, outro filatório, e acaba com o monopólio dos compradores de casulo (Sousa, 2006).

**1806.** José António de Sá distribui, gratuitamente, folhetos alusivos aos métodos de plantar amoreiras e criação de bichos-da-seda (Sousa, 2006).

**1815.** Resolução proibindo a importação de sedas estrangeiras, exceto as inglesas (5 de outubro) (Sousa, 2006).

**1816 – Início do reinado de João VI.** As lutas políticas desviam a atenção do que afecta os interesses da sericicultura e sericitécnia.

**1826 – Início do reinado de Pedro IV.** A indústria da seda não parece estar a sair da decadência.

**1827.** É publicada a obra “Noções historicas, economicas, e administrativas sobre a producção e manufactura das Sedas em Portugal, e particularmente sobre a Real Fabrica do Suburbio do Rato, e suas Annexas” (Neves, 1827).

**1834 – Início do reinado de Maria II.** Em Trás-os-Montes a criação do bicho-da-seda não está abandonada; mas as fábricas de seda passam do Estado para as mãos da indústria privada. É extinta a Real Fábrica das Sedas do Rato, em Lisboa e a Fábrica de Chacim cessa definitivamente de trabalhar (Sousa, 2006).

**1836.** Uma portaria do governo de Manuel da Silva Passos recomenda, a promoção de viveiros e plantação de amoreiras para a criação dos bichos-da-seda, nas Câmaras do distrito de Lisboa (Cordeiro, 1996). Na cidade do Porto houve a tentativa de se instalar a Companhia de Artefactos de Seda, Algodão e Lã - moderno estabelecimento industrial, dirigido por Antoine Bandier, que trouxe para Portugal os desconhecidos teares Jacquard (Cordeiro, 1996).

**1843.** É publicada a obra “A arte de cultivar a seda” (Tinelli, 1843), com a referência à benignidade do clima e às qualidades do solo principalmente no norte de Portugal, favoráveis à produção de seda; sendo fatores apontados como negativos a falta de

conhecimentos práticos para criar os bichos-da-seda e para fiar os casulos e a falta de convicção da parte das pessoas do campo da utilidade e proveitos desta indústria.

**1848**, Várias epizootias do bicho-da-seda generalizam-se por toda a França (Sousa, 2006).

**1851**. Trás-os-Montes produz 88% de todo o casulo nacional, sendo 86% no distrito de Bragança e 2% no de Vila Real (Sousa, 2006).

**1852**. As epizootias do bicho-da-seda alastram à Espanha e à Itália (Sousa, 2006).

**1853 – Início do reinado de Pedro V**. A crise da produção francesa de bichos-da-seda, atacada pelas doenças conhecidas da pebrina e flacidez, traz a Portugal comerciantes em busca de sementes sadias; este tráfico abre à sericicultura um período brilhante de prosperidade, infelizmente de demasiada curta duração; tentou-se aclimatar o bicho-da-seda de ailanto; a Sociedade Agrícola de Bragança está interessada na criação de viveiros de amoreira para o plantio de terrenos incultos. É fundada, no Porto, a Fábrica de Sedas de António Francisco Nogueira (Sousa, 2006).

**1858-1861**. Compra de sementes de sirgo por franceses, italianos e espanhóis (Sousa, 2006).

**1860**. Portaria a conceder à Sociedade Agrícola do Distrito de Bragança um subsídio de 1 200 000 réis para distribuir pelas câmaras municipais que concorressem ao estabelecimento de viveiros de amoreiras (10-12-1860) (Sousa, 2006).

**1861 – Início do reinado de Luís I**. Um entusiasmo febril pela sericicultura invade o país; os conselhos distritais, as câmaras municipais e as associações de agricultores rivalizam-se em esforços para promover as plantações de amoreiras; os governos decretam as exposições de sericicultura; as sedas nacionais são populares em França; tenta-se aclimatar o bicho-da-seda dos carvalhos Japoneses; de repente, os comerciantes estrangeiros afastam-se aterrorizados do país, tendo em conta o estado lastimável da sericicultura portuguesa; a Associação promotora da indústria transformadora redobra a atividade para incentivar a plantação de amoreiras e estimular o progresso das indústrias sericícolas; Alfredo Carlos Le Cocq, Engenheiro Agrônomo, avalia com sucesso o problema, mas os conselhos valiosos de sua experiência são ignorados; Antonio Xavier Pereira Coutinho, Engenheiro Agrônomo, seleciona e distribui sementes de seda pura; a invasão da filoxera complica a crise da sericicultura; o Ministro das Obras Públicas, Conselheiro Emygdio Julio Navarro, ordena a realização de mais estudos em Trás-os-Montes para reviver a sericicultura. No livro “A Sericicultura em Portugal” (Silveira, 1869) dá-se conta da relatório lido na sessão de 21 de dezembro de 1868 perante a comissão promotora da sericicultura, presidida pelo duque de Loulé, e outras informações obtidas até 31 de março de 1869, onde é feita uma análise por distrito. Na recolha de informação é referido que a

indústria da seda é uma riqueza nacional. Em resumo pode-se concluir que nos distritos de Angra, Funchal, Horta, Leiria, Ponta Delgada e Portalegre, não há plantação de amoreiras, nem criação de sirgo; em Aveiro são referidos alguns exemplos de plantações de amoreira, mas foram produzidos somente 12 kg de casulos; em Beja existiam poucas amoreiras e não havia criação de sirgo para fins industriais; em Braga são referidos alguns exemplos municipais e particulares de produção de amoreiras, não referindo a produção de sirgo; em Bragança referem a existência de amoreiras desde o tempo do Marquês de Pombal. Previa-se a possibilidade de plantação de 1 milhão de amoreiras no distrito. Em 1868 foram produzidos 115535 kg de casulos frescos. Calcularam um rendimento de 10:1 de casulo fresco : seda em fio; e de 5:1 de casulo seco : seda em fio. Referem num relatório<sup>1</sup> feito pela comissão que mandou os produtos da sericultura do distrito de Bragança à exposição do Porto em 1867, uma produção anual de 181306 kg de casulo fresco e 1996 kg de fio de seda (no ano de 1866), no período de 1853 a 1866; sendo que no ano de 1804 se estimou uma produção de 36000 a 37000 kg de seda em todo o país; em Castelo Branco havia poucas amoreiras e pouca produção: 1043 kg de casulo e 279 kg de fio de seda; na Guarda não referem as amoreiras, mas uma produção num ano de 18121 kg de casulos e 2649 kg de seda; em Lisboa há referência que o Sr. E. Gagliardi ofereceu à comissão o seu auxílio para a instalação de qualquer escola seropédica, na qual se ensinam as regras para a plantação da amoreira, criação de sirgo e fiação do casulo; no Porto existiam alguns milhares amoreiras, não se fazendo referência ao sirgo produzido. Referem a existência de fábricas e ajuntadores que exportam; em Santarém não foi obtida qualquer informação. Em Viana do Castelo são referidos alguns exemplos de produção de amoreiras e pouca criação de sirgo: 40 kg de casulos; em Vila Real são dados alguns exemplos de produção de amoreiras, nada se referindo quando ao sirgo produzido; já em Viseu só é referida a grande disseminação de amoreiras. Em 1887 a sericultura encontra um novo defensor na pessoa do chefe da 2ª região agronómica em Mirandela, Augusto César da Silveira Proença.

**1867.** Exposição de sericultura do Palácio de Cristal, no Porto, que reconhece a superior qualidade do casulo transmontano, ainda imune a epizootias (Sousa, 2006).

**1870.** É publicado o “Guia Prático do Sericultor Portuguez” (Moser, 1870) aonde é referido que se mudaram as cenas, e que à falta de zelo substituiu-se o cuidado. E que em lugar dos arboricidas que mandaram arrancar as amoreiras tem sido prodigiosa a sua propagação.

---

<sup>1</sup> Publicado no Diário n.º 204 de 11 de setembro

**1884-1885.** Desenvolvimento espetacular da produção de seda artificial (Silveira, 1869).

**1889 – Início do reinado de Carlos I.** O ministro das Obras Públicas, Conselheiro João Ferreira Franco Pinto Castello Branco, fundou a Estação de Sericicultura de Mirandela: o seu sucessor imediato, Conselheiro Bernardino Luiz Machado Guimarães, dá à Estação de sericicultura a sua organização definitiva e estabelece uma comissão para desenvolver esta indústria no distrito da Guarda; o ministro, Conselheiro Elvino José de Sousa e Brito reforma os serviços sericícolas; com novas plantações de amoreira e criação de bicho-da-seda para cumprir as medidas adotadas. No ano de 1889, sendo chefe interino da 2ª região agrónómica Ignácio Teixeira de Menezes Pimentel sai uma Portaria em 18 de Fevereiro, que determina que este proceda, nesse ano, em Trás-os-Montes, a ensaios de criação de sirgo e de produção de semente sã pelos métodos de Pasteur.

**1891.** Em 29 de Outubro de 1891 a Estação Químico-Agrícola da 2ª região agrónómica de Mirandela é transformada, numa Estação de Sericicultura. Visava a formação de sericultores habilitados, a obtenção de sementes sãs, a experiência e aperfeiçoamento dos métodos de produção de seda e da cultura das amoreiras e ainda elaborar as estatísticas. Havia no País 186 estabelecimentos sericitécnicos: 36 sirgarias, 27 fiações e 123 de tecelagem de seda: Bragança 91, Porto 6, Braga 11, Lisboa 10 e Viseu 7. Eram aí produzidos frisão, seda em rama, trama, retrós, cordões, rendas, panos de peneira, guarnições, franjas, fitas, sarja para chapéus de sol, galões, tafetá, cetins e damascos.

**1893.** Por decreto de 30 de Junho de 1893 foi concedida a verba de 3000\$000 reis, das quais 2000\$000 reis são para a Estação de Sericicultura de Mirandela e 1000\$000 reis para incentivar o desenvolvimento da sericicultura.

**1898.** Em 27 de Outubro de 1898 a Estação de Sericicultura de Mirandela transforma-se em Estação Transmontana de Fomento Agrícola, dado o impulso dado à viticultura. No entanto a Estação continua a promover a cultura das amoreiras e da sericicultura.

**1899.** Em 28 de Dezembro de 1899 são criados os serviços sericícolas a nível nacional, com a distribuição de semente de sirgo sã, seleccionada e distribuição de amoreiras.

**1900.** É editada a enciclopédia, em francês, “Le Portugal au point de vue Agricole” (Cincinnato da Costa & Luiz de Castro, 1900) com um capítulo dedicado à Sericicultura (Menezes Pimentel, 1900), e o livro “O Bicho de Seda” (Peixoto], 1900).

**1901.** Em 9 de Maio são publicadas instruções para a distribuição gratuita das amoreiras e das sementes dos bichos-da-seda. A distribuição das sementes do sirgo eram gratuitas a quem fornecesse casulo para sementagem à sirgaria de Mirandela.

Foi também estabelecido o Mercado Central de Produtos Agrícolas, com a incumbência das transações de casulo e seda em rama. Por Decreto de 24 de Dezembro de 1901 os serviços agrícolas oficiais são organizados de modo a reforçar a sericicultura com a isenção de pagamento de contribuição industrial, durante 10 anos, bem como a isenção de direitos de importação dos equipamentos para a fiação e torcedura das sedas nacionais. Toda a proteção dada a este sector, como a distribuição gratuita de bichos-da-seda selecionados pelo método de Pasteur, foi insuficiente e os casulos de produção nacional escasseavam, sendo completamente absorvidos pela fábrica de seda do Porto (Francisco José Nogueira e Filhos), que durante muitos anos se dedicou ao desenvolvimento da sericicultura em Trás-os-Montes. A principal razão prende-se com os preços muito baixos que os casulos atingiam. Em 1897 1 kg de casulo custava \$36. Como os preços não eram compensadores os produtores deixavam os casulos em casa e mandavam tecer na indústria rural de tecelagem Transmontana, colchas e tapetes de borboto ou aveludadas.

**1906.** É publicado o livro “Industria da seda” (Masoni-da-Costa, 1906) em que são referidas as operações capitais, a considerar no fabrico da seda: fiação, torção e tecelagem. Era referido que tendia a melhorar o estado decadente a que tinha chegado a indústria nacional sericígena, terminando com estas palavras “se a acção dos poderes publicos já affirmada na promulgação de leis e decretos protectores d’esta industria e na criação da Estação de sericicultura de Mirandela se juntasse a boa vontade e a iniciativa dos particulares, a industria da seda ainda havia de occupar no paiz, novamente, o logar de honra que lhe pertence, e ... Deus o queira.”

**1910 – Início da república.** O Posto Agrário de Mirandela teve grande dificuldade em distribuir a pouca semente produzida, desde a entrada na I Grande Guerra até 1921. O desânimo apoderou-se das criadeiras devido a não conseguirem vender os casulos. As sedas brutas asiáticas atingiam preços muito baixos, dado terem-se reduzido as distâncias, com a abertura do canal de Suez. A grande concorrência surge com o fabrico das fibras artificiais. Como consequência os agricultores abatem as amoreiras. A capacidade de produção de semente de sirgo, do Posto Agrário de Mirandela, cifrava-se em 6 kg, o que era manifestamente insuficiente em relação às necessidades do País estimadas em 38 kg.

**1923/1924.** Em 1923 a sericicultura atinge o auge, com uma produção estimada de 20 mil kg de casulos secos em Trás-os-Montes. Surge então, em Junho de 1924, o embargo à exportação de casulos. Os excedentes são enviados para o Porto, atingindo neste ano o preço de 70\$00 por kg. Como consequência do embargo os preços baixaram para 12\$00 por kg. Na Estação Sericícola de Mirandela era aplicado

com o maior rigor a seleção das sementes segundo os métodos pasteurianos, os ovos eram distribuídos gratuitamente pelos pequenos criadores, sendo a criação de bichos-da-seda obrigatória nas escolas agrícolas, de acordo com os métodos modernos. Atendendo aos baixos preços pagos pelos industriais a produção quase desapareceu do país. Em 1924 foi feito um inquérito à indústria da seda, que concluiu que a mesma usava matéria prima importada e que a produção de bichos-da-seda era quase nula. Concluiu dizendo que cumpre-nos pois o dever de a ressuscitar e dar-lhe o desenvolvimento e o carácter que deve ter. Isto é, de indústria doméstica e assegurar a compra de casulo por preços remuneradores ([D'Almeida 1945](#)).

**1929.** À Escola Móvel Agrícola “Menezes Pimentel” foram fornecidos pela fábrica de Tecidos de seda António Francisco Nogueira Limitada, em 7 de Agosto de 1929, os elementos da produção de casulo no período de 1925 a 1930, em que a produção de casulos oscilou entre os 8 e os 21 mil kg. A Fábrica referiu que a qualidade dos casulos produzidos era regular e não de 1ª qualidade. A distribuição de semente de sirgo no período 1920-21 a 1949-50 e de amoreiras no período 1920-21 a 1934-35 atingiu o auge em 1929 com a produção de 29 kg de sirgo e em 1932 16 mil amoreiras.

**1930.** Em 12 de Julho (Agricultura, 1930) é elaborada a última legislação específica sobre Fomento Sericícola. É aqui referido que a indústria sericícola sendo antiga e tradicional e tendo tido apoios estatais, nem sempre foram coroadas de êxito, por razões intrínsecas, derivadas da própria natureza e por falta de perseverança e de continuidade nas medidas adotadas. É considerada como indústria doméstica que pode tornar-se um fator importante para o melhoramento da situação económica portuguesa desde que se congreguem os resultados profícuos tendentes a diminuir a importação da matéria prima da industria remanescente de fiação e tecelagem da seda. Neste decreto estava previsto (a) proteção à cultura da amoreira, (b) proteção à sericicultura, (c) associações sericícolas, cooperativas e sindicatos agrícola-sericícolas, (d) proteção à indústria de fiação de sedas, (e) estação de fomento sericícola, estações sericícolas e postos de secagem e armazenamento do casulo, (f) comissão central de sericicultura e comissões regionais de sericicultura. Foi ainda transformada a Escola Móvel Agrícola “Menezes Pimentel” em Estação Sericicultura “Menezes Pimentel”. Fica estabelecida a distribuição gratuita de amoreiras e de semente de bichos-da-seda, além de, entre outras medidas, os sericultores poderem utilizar os postos de secagem e os armazéns que forem estabelecidos pelos serviços oficiais.

**1981.** A iniciativa mais recente em Trás-os-Montes e Alto Douro relacionada com o desenvolvimento da sericicultura teve início em 1981 e decorreu em Freixo de Espada

à Cinta: o Projeto de Desenvolvimento Integrado de Freixo de Espada à Cinta. Neste estiveram envolvidos a UTAD, a DRATM, a Câmara Municipal de Freixo de Espada à Cinta e a CCRN. Uma das áreas de intervenção deste projeto era a “organização da produção e comercialização do artesanato local”, que foi desenvolvida pela Associação para o Estudo, Defesa e Promoção do Artesanato de Freixo de Espada à Cinta.

**2015.** A Câmara de Freixo de Espada à Cinta tem apoiado algumas tecedeiras e a divulgação da sericicultura em algumas feiras dentro e fora do concelho. A APPACDM de Castelo Branco desenvolve todo o ciclo da seda, desde a eclosão dos ovos até à extração do fio de seda e produção de meadas de seda. No Centro Ciência Viva de Bragança está presente uma exposição iterativa acerca do ciclo do bicho-da-seda.

## **2 – Conclusões**

A sericicultura em Portugal beneficia de excelentes condições edafoclimáticas para a cultura da amoreira, tradicionalmente único alimento das larvas do bicho-da-seda, como se pode comprovar nestes três trabalhos sobre a “História da sericicultura em Portugal” (1) Origem e utilização atual dos bichos-da-seda e da seda (Azevedo, Mascarenhas, & Mascarenhas, 2015b) (2) Desde o início do século VIII até ao final do século XVIII (Azevedo, Mascarenhas, & Mascarenhas, 2015a) e (3) Desde o início século XIX até ao início do século XXI. Os criadores faziam coincidir a produção de folhas de amoreira com o ciclo de vida dos bichos-da-seda, e com as temperaturas ideais para a eclosão dos ovos e sua criação. Dado que as raças tradicionais em Portugal eram univoltinas e os ovos não eram conservados a baixas temperaturas eclodiam todos ao mesmo tempo e só era completado um ciclo anual. Nos últimos dois séculos houve elaboração de várias medidas legislativas e muitos foram os que escreveram e fizeram ouvir a sua voz no sentido de se incrementar e modernizar a produção de casulos no país. Por uma série de razões estruturais, nenhuma iniciativa durou muito tempo. Assim, a industrialização da fição e da torcedura, sofreu das mesmas limitações, agravados pelo forte tradicionalismo, que, na opinião de muitos, foi a causa da destruição do sector. Com a produção de casulos e de fio de má qualidade a sericicultura praticamente desapareceu de Portugal e o país passou a alimentar a sua indústria têxtil com fio e tecidos de seda importados de países tradicionalmente produtores destas matérias primas e de países emergentes aonde poderíamos situar-nos, se tivéssemos conseguido ultrapassar o marasmo a que o sector foi devotado. Os produtores poderão encontrar no atual Quadro Comunitário (2014-2020) apoio para a construção de sirgarias, mas, será necessário que haja uma

indústria atuante e modernizada para se poder tirar o máximo partido dos casulos, ou em alternativa utilizar os bichos-da-seda não só para a produção de seda mas também para a alimentação animal e quiçá a alimentação humana.

### 3 - Referências Bibliográficas

Decreto n.º 18640 (1930).

Azevedo, J., Mascarenhas, M. A., & Mascarenhas, A. (2015a). *História da sericicultura em Portugal. Desde o início do século VIII até ao final do século XVIII*. Paper presented at the 1.º Encontro de História da Ciência no Ensino.

Azevedo, J., Mascarenhas, M. A., & Mascarenhas, A. (2015b). *História da sericicultura em Portugal. Origem e utilização atual dos bichos-da-seda e da seda*. Paper presented at the 1.º Encontro de História da Ciência no Ensino.

Cincinnati da Costa, B. C., & Luiz de Castro, D. (1900). *Le Portugal au point de vue Agricole*. Lisboa.

CMMC. (1997). *Os Caminhos da Seda*.

Cordeiro, J. M. L. (1996). A indústria da seda em Portugal nos séculos XIX e XX. In CERS (Ed.), *España y Portugal en las rutas de la seda: diez siglos de producción y comercio entre oriente y occidente* (pp. 280-301). Barcelona: Universitat de Barcelona.

Masoni-da-Costa, J. F. (1906). *Industria da seda: Bibliotheca de instrucção profissional*.

Menezes Pimentel, J. I. T. d. (1900). *La Sériciculture Le Portugal au point de vue Agricole* (pp. 737-762). Lisboa.

Moser, E. (1870). *Guia Prático do Sericultor Portuguez*.

Neves, J. A. (1827). *Noções historicas, economicas, e administrativas sobre a producção e manufactura das Sedas em Portugal, e particularmente sobre a Real Fabrica do Suburbio do Rato, e suas Annexas*. Lisboa: Impressão Regia.

Peixoto], L. d. I. A. R. (1900). *O Bicho de Seda* (L. Chardron Ed.). Porto: Bibliotheca Agrícola Popular.

Silveira, J. H. F. (1869). *A Sericicultura em Portugal*. Lisboa: Typographia Franco-Portugueza.

Sousa, F. (2006). *História da Indústria das Sedas em Trás-os-Montes*. Porto: Edições Afrontamento.

Tinelli, L. W. (1843). *A arte de cultivar a seda: Typographia Commercial Portuense*.